

## Apresentação

Marianna F. M. Monteiro\*

A escrita dessa apresentação levou-me a revisitar minhas atividades acadêmicas que, cada vez mais, assumem aspectos de militância antirracista e anticolonialista, no enfrentamento dos conflitos provocados pela polaridade branquitude/negritude. No seio dessa polaridade, a investigação acadêmica esbarra em múltiplas contradições e paradoxos que podem levar a uma espécie de “afasia”, de desistência de pensar e opinar sobre as questões raciais. A condição de branquitude, no interior dessa polaridade perversa e involuntária, pode gerar paralisia.

O meio acadêmico, predominantemente branco, mesmo buscando lutar contra o racismo e a exclusão do negro em nossa sociedade é, na maior parte do tempo, agente involuntário e inconsciente de opressão, exclusão, invisibilidade e não está imune aos processos paralisantes decorrentes de suas próprias contradições. Isso vale tanto para a atuação dos indivíduos, quanto para práticas coletivas de produção e transmissão de saberes na Universidade.

---

\* Phd em Filosofia, FFLCH-USP. Professora Assistente do Curso de Artes Cênicas da Unesp.

O grupo de pesquisa do Instituto de Artes da UNESP que se formou sob minha coordenação, o Grupo Terreiro de Investigações Cênicas: Teatro, Rituais, Brincadeiras e Vadiagens enfrenta essas contradições e paradoxos e evita uma omissão conivente com a opressão do negro na sociedade. Vejamos um pouco da história desse grupo que foi o responsável pela iniciativa de realização do Colóquio Internacional O Afro contemporâneo nas Artes Cênicas : Perspectivas Teóricas, Poética e Pedagógicas que é a origem dos textos aqui publicados.

O grupo de pesquisa nasceu em 2011, visando reunir pesquisadores, mestrandos, doutorandos, graduandos e demais interessados nas práticas e saberes populares de tradição oral. Aproximou pesquisadores que já estavam em interação com as culturas populares ditas tradicionais e outros que buscavam nelas possíveis contribuições para a criação e o ensino de teatro e de dança.

Desde a criação do grupo, respeitando as vocações e interesses dos participantes, e, aproveitando o perfil que o próprio Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNPq) propunha para grupos de pesquisa, passamos a trabalhar com quatro linhas de investigação: o Afro-brasileiro entre o terreiro e a Cena; Mito, performance e cultura popular; Pedagogia, oralidade e brincadeiras: transmissão de saberes; Tradição popular brasileira e treinamento cênico. Em torno dessas vertentes e de seus entrecruzamentos, pesquisadores de capoeira, de folguedos populares, das danças Afro, de novas pedagogias, do teatro, do ritual, da narratividade, da oralidade e da performance passaram a integrar o grupo.

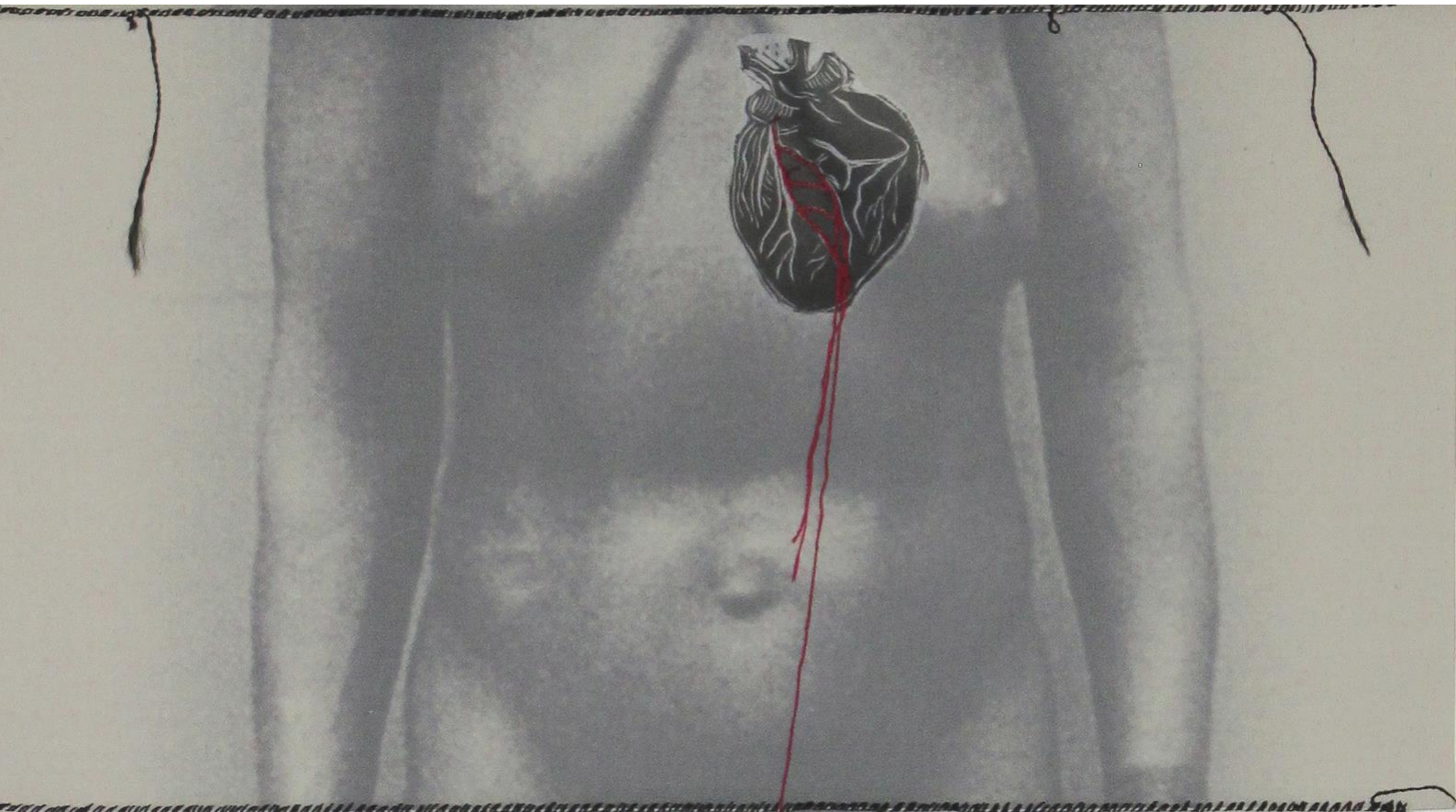
No ano de 2014, as questões ligadas a negritude ganharam proeminência em nossas discussões, a ponto de decidirmos realizar no ano seguinte um grande encontro visando reunir pesquisadores de diferentes procedências, igualmente interessados em investigar as possibilidades e alternativas que a cultura africana da diáspora abre

para o desenvolvimento da arte contemporânea, em particular das Artes Cênicas. A questão do negro passou a ter uma centralidade que talvez se explique pela transversalidade do tema quando se trata dos estudos de culturas populares brasileiras que, em sua maioria, são perpassadas pela influência africana.

Começamos a conceber e elaborar o que seria o Colóquio Internacional O Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas: Perspectivas Teóricas, Poética e Pedagógicas e o fizemos, ao menos inicialmente, à imagem e semelhança do próprio grupo de pesquisa. Trouxemos para o evento uma multiplicidade de perspectivas que incluía além das artes, os estudos históricos, sociológicos, antropológicos, literário, filosóficos e pedagógicos.

Embora o desenho do colóquio já fosse bastante aberto e poroso, sentimos necessidade de criar zonas de indeterminação, espaços livres para acolher propostas de discussão externas ao Grupo Terreiro de Investigações Cênicas. Para tanto, fizemos dos grupos de trabalho (GTs) a porta de entrada para propostas vindas de núcleos de pesquisa espalhados por todo o Brasil, que, então, puderam propor temas pertinentes à discussão. Desejávamos que o colóquio fosse representativo das pesquisas em andamento. Queríamos nos converter em canal de expressão de grupos e lideranças que já estavam de alguma forma articulados, embora também tenhamos servido de catalisadores para encontros que o próprio evento gerou. Ao todo, foram oito temas, oito propostas que aglutinaram, cada uma, mais de dez outras pesquisas, para confronto e debate.

Havia algo de fascinante na organização de um colóquio que, embora tivesse uma certa “curadoria”, isto é, uma série de preferências quanto a convidados e forma de organização, se mantinha aberto a novos temas na constituição de seus grupos de trabalho. As diferentes propostas que nos foram enviadas revelaram devires que nos surpreenderam, evidenciaram outras questões e problemáticas



pertinentes às práticas artísticas Afro-diaspóricas, além das que tínhamos em mente.

Ao fim da jornada, decorridos os dias do colóquio, suas ressonâncias nas mentes e corpos foram novamente reativadas, em fins de 2015, com a publicação das comunicações dos GTs nos Anais do colóquio. Essas reverberações são agora aprofundadas com a publicação desse novo número da Rebento – Revista das Artes e do Espetáculo, que é integralmente dedicado à questão do Afro contemporâneo nas Artes Cênicas e traz a público artigos inéditos dos pesquisadores que ministraram conferências ou integraram mesas redondas no colóquio. Além disso, revisitamos cinco artigos dos anais de forma a também trazer para a revista um pouco do que ocorreu nos grupos de trabalho, contemplando os três âmbitos do evento: as conferências, as mesas-redondas e os grupos de trabalho.

A resultante dessa reunião de esforços e colaborações é uma revista profundamente conectada com as questões que atingem a cena negra contemporânea. Não é uma Rebento sobre o colóquio, mas, sim, uma Rebento gerada e tornada viva pelas valiosíssimas contribuições de todos os que participaram do evento, sobretudo dos autores dos artigos aos quais agradeço especialmente a colaboração. Passo agora a apresentar, ainda que brevemente, os artigos que compõem esta revista.

Já na abertura, o vigor inigualável do texto de Yvonne Daniel conclama à militância, configurando um solo reflexivo propiciador para a mobilização política. Seu artigo delimita e invoca, no interior da diáspora, a presença e a ação em nível tanto artístico quanto acadêmico, do que a autora denomina *vozes de poder*. Em paralelo com as *vozes de poder*, coloca as *formas de poder* que, segundo ela, é o que sempre foi evocado pelos corpos dançantes afrodescendentes. É no âmbito dessas *formas de poder* que se compreende a importância da tradição para que se efetive um canal de expressão adequado às *vozes*

*de poder*. Distinguindo dança Afro-diaspórica da dança africana, sem deixar, contudo, de apontar princípios gerais que as unificam, o artigo desenha parâmetros para uma compreensão da história da dança negra nas Américas e delinea orientações gerais e princípios norteadores de uma política para a dança e para a afirmação da africanidade nas culturas americanas e latino americanas.

A história da dança negra nos Estados Unidos, apresentada no artigo de Yvonne Daniel, dialoga com a história da dança negra no Brasil abordada por Paulo Dias em artigo com enfoque na dança do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira. O apanhado histórico de Dias a respeito da formação do samba é de uma originalidade ímpar ao considerar a bandeira, o reinado e outras expressões presentes em inúmeras tradições populares em suas correlações com a expressão do Mestre-Sala e da Porta-Bandeira nas escolas de samba. Dessa forma, o autor delinea a possibilidade de se fazer uma história focada nos objetos e nos ritos.

O tema do Carnaval também está presente na reflexão de Nadir Nóbrega sobre os blocos Afro, em Salvador. Devires carnavalescos capazes de orientar um pensamento sobre outras formas de resistência da cultura Afro, reinventando-se na contemporaneidade, em comunidades negras soteropolitanas. A pesquisa sobre os blocos Afro revela, assim como já anunciava Yvonne Daniel, um horizonte futuro do povo negro na diáspora que já se afirma enquanto *vozes de poder e formas de poder*, no Carnaval baiano, observado de tão perto no artigo de Nadir.

Para pensar isso tudo, Inacyra Falcão articula os conceitos de corpo e de ancestralidade revelando linhas de força que perpassam muitos dos textos desta revista. Inacyra Falcão pensa uma pedagogia que atua por meio da ancestralidade, capaz de conectar passado, presente e futuro, pondo em relação o artístico de hoje com o ritualístico e ancestral de outrora. Apontamentos que nos fazem

recordar da frase de Grotowski: “Você é filho de alguém”. Para o afrodescendente isso é ancestralidade, uma ancestralidade de resistência à violência e à opressão, uma ancestralidade da reconstrução constante do corpo na tradição. Corpo e ancestralidade não se separam.

Essa questão também é abordada, de forma bastante verticalizada e direta, por Nefertiti Burton, exatamente quando enfrenta a temática da oralitura sagrada Ioruba e sua realização espetacular para plateias laicas. A autora toca em assunto bastante transversal, sempre presente em suas reverberações artísticas e vivenciais. Avançando no caminho da incorporação de aspectos filosóficos e espirituais Iorubas, discute as fricções surgidas na interação entre espiritualidade Ioruba e visão de mundo ocidental cristã.

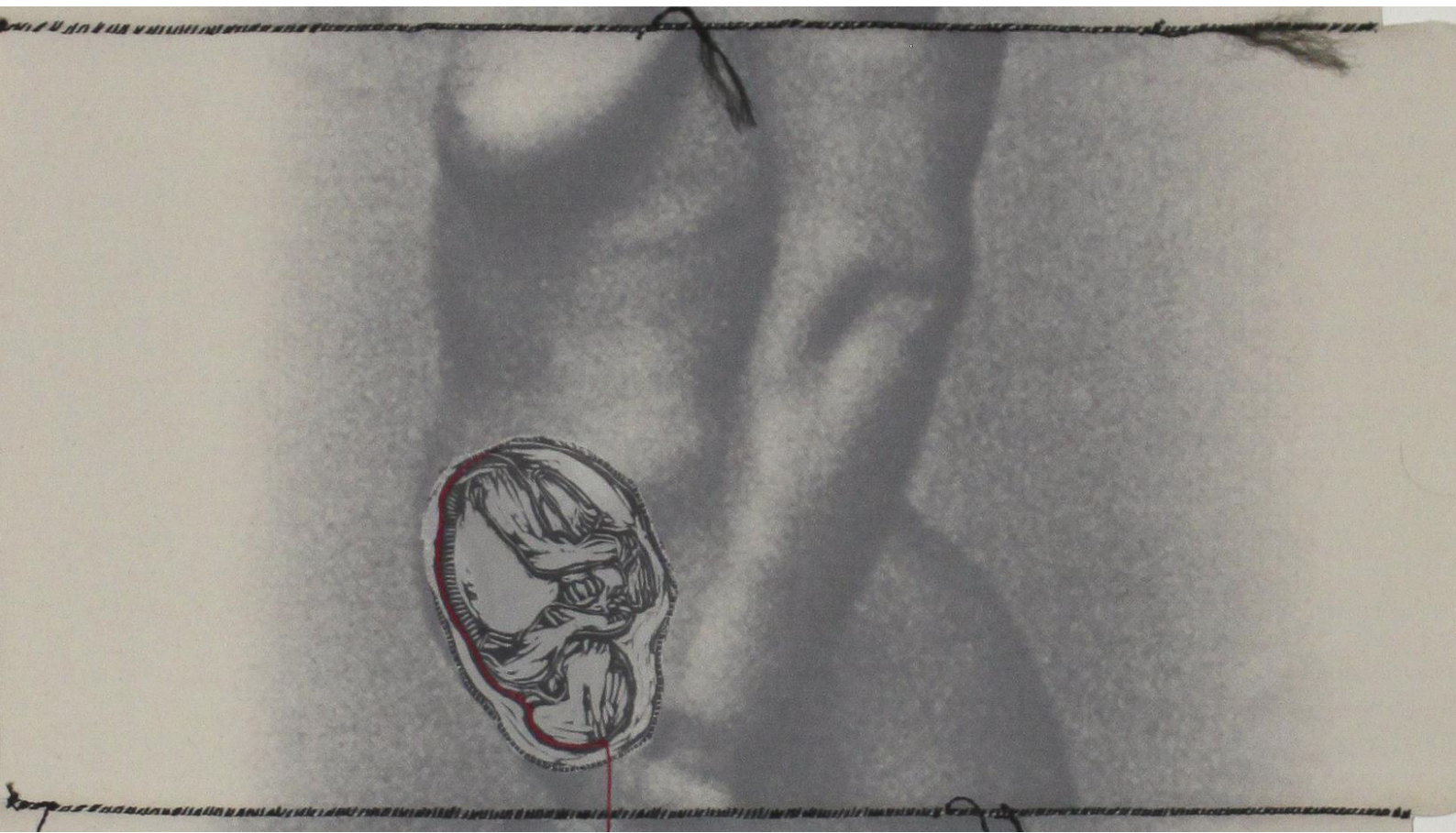
A importância do corpo, a conexão entre oralidade e corporalidade, o tempo espiralar, a encruzilhada, a travessia, o hibridismo, o tambor, a infra-língua da vibração e do gesto, a performatividade e as epistemologias outras são os temas que afloram no conjunto dos artigos dessa Rebento. Observo que em quase todos os textos aqui apresentados a dimensão pedagógica está presente como elemento importante da reflexão, todavia fica também evidente a intenção de não separar as práticas pedagógicas das outras práticas da vida – religiosas, políticas, artísticas. A criação artística e a transmissão de saberes e fazeres se conectam e complementam. São muitas vertentes, são muitos chamados: desde a foto *Dancing in the Slippage*, de Nia Love, que ilustra o artigo de Yvonne Daniel, até a discussão de Carolina Laranjeira que aproxima a pedagogia pós-Revolução Francesa da prática do folguedo pernambucano do Cavalo-Marinheiro.

Em seu artigo, Carolina Laranjeira, questiona a ideia clássica de que a transmissão da tradição nas culturas populares se faz necessariamente de pai para filho. Sem negar totalmente essa ideia,

prefere ressaltar o desejo e o interesse do brincador de Cavalo-Marinho como o fator determinante da transmissão. O aprendizado se dá todo tempo, podendo o mestre fazer correção até mesmo na cena, diante do público. O folguedo é jogo, é brincadeira e, por isso, pede outra pedagogia. Aprender sem ensino – uma característica da transmissão de saberes no interior do Cavalo-Marinho –, suscita, no artigo da pesquisadora, o diálogo com as ideias de Jacques Rancière, na obra *O Mestre Ignorante*, a respeito do não ensinar, operando uma pedagogia da autonomia, na qual não há submissão do aluno ao mestre.

A contribuição de Patrick Acogny, tanto no colóquio quanto na *Rebento*, ecoa o ponto de vista do continente africano – no caso, do Senegal. A partir de sua experiência na *École des Sables* – que reúne regularmente coreógrafos e bailarinos da África e da diáspora –, pondera sobre semelhanças e diferenças nas questões que envolvem a dança no continente africano e a dança na diáspora. Em função dessas diferenças, seu artigo aborda com muita acuidade a discussão sobre termos empregados com diferentes e cambiantes sentidos. Discute e esclarece nuances semânticas de categorias como *black dance*, *dança negra*, *dança africana*, *dança contemporânea africana*. Conclui seu artigo postulando um certo conceito de *dança negra*.

Apesar das forças contínuas que conduzem ao silenciamento e à invisibilidade da cultura negra, o artigo de Antonieta Antonacci nos coloca em confronto com a pujança, resiliência e o predomínio da cultura negra nas Américas. Fato, segundo a autora, de difícil aceitação num terreno caracterizado por disputas de hegemonia. À cultura branca custa dar espaço e relevância a formas de saber que têm na oralidade e no corpo seus fundamentos. Somente uma quebra com as epistemologias eurocentradas permitiria, de acordo com Antonieta, valorizar e compreender as memórias e os saberes ancorados no corpo, deixando de considerá-los efêmeros e inexatos.



Antonieta vai às filigranas desse arquivo de saberes e práticas para conceber, no seio da escravização em massa de africanos, a força de culturas orais trazidas no corpo e nos gestos. O artigo retoma as artes da memória prevalentes também no Ocidente em período anterior ao letramento e à Reforma, para mostrar a presença em outros tempos, até mesmo na cultura europeia, de sistemas de memorização e repositórios de saberes que têm o corpo como protagonista.

Também é sobre isso que trata o artigo de Mariana Emiliano. A partir da análise do caso concreto da congo mineiro, tendo como foco as festas de Nossa Senhora do Rosário, na Comunidade dos Arturos, em Contagem (MG), ela estabelece o conceito de *corpo-tambor*, mostrando como nas línguas Bantos a palavra *ngoma* representa tanto o tambor quanto a roda de dança e a comunidade em festa. Com a palavra corpo, em português, acontece a mesma possibilidade de deslocamento: pode representar o corpo individual ou corpo coletivo. Vem daí, a meu ver, a fecundidade da fricção corpo-tambor tal qual é proposta no artigo.

Nesse universo das tradições orais, afro-diaspóricas, tem peso, entre outras expressões populares, o samba de roda. Em seu texto, Eloisa Domenici mostra que essa não é apenas uma manifestação do Recôncavo baiano, ao eleger como objeto de estudo a região da Costa do Sauípe, no litoral norte de Salvador. Região altamente turística, cuja população sofreu transformações severas em suas condições de vida, nas últimas décadas, onde o samba de roda se vê comprimido entre processos de gentrificação e políticas de patrimonialização. O artigo evidencia a resistência e afirma a necessidade de uma política que, além de colocar o samba de roda na cartilha cultural, se preocupe com a reconstituição do tecido rompido das relações comunitárias.

Pensando elementos para uma estética quilombola, o artigo de Silvie Chalaye retoma aspectos da discussão de Patrick Acogny, ainda que sob outro prisma. Chalaye está interessada nas dramaturgias africanas e afro-diaspóricas francófonas. Expõe o percurso histórico

dessas dramaturgias e assinala um primeiro movimento de busca identitária que se dá pela aproximação com as formas do ritual. São apontados os limites dessa perspectiva, considerada exotizante e presa a um ponto de vista europeu. Uma nova inflexão, segundo a autora, ocorre na década de 90, quando um teatro contemporâneo africano e caribenho se consolida na França rejeitando tanto o viés exotizante quanto a busca identitária. O artigo revela a emergência de novas escritas que assimilam as perdas para se reinventarem a partir de uma “identidade em devir”, fora de uma tipologia estética africana moldada pelo Ocidente.

O artigo de Fernanda Vieira Fernandes, em estreito diálogo com a obra de Chalaye, discute a imagem do negro no moderno teatro francês, em paralelo com a expansão colonialista francesa, no século XIX. Trata-se também de uma abordagem histórica que escancara as relações entre arte europeia e a colonialidade. O artigo explicita como a construção colonial é ativada no drama naturalista. Depois dessa abordagem histórica, a autora detém-se na análise da obra *Os Negros*, de Jean Genet, e chama a atenção para o grotesco e a caricatura que paradoxalmente funcionam nessa obra como instrumentos de desintegração da imagem grotesca e caricatural do negro construída no Ocidente.

Em seu artigo, Celia Antonacci explicita a indissociabilidade entre colonialismo e modernidade, por meio da análise da produção da artista visual Rosana Paulino, vista como um tipo de produção que combate às feridas coloniais e questiona os pressupostos ocidentais de progresso e modernidade. Compreendida como arte eminentemente política, os trabalhos dessa artista são poderosas evidências das fricções, paradoxos e contradições que permanecem na sociedade brasileira como herança de séculos de escravidão. A potência da obra dessa fantástica artista negra poderá ser conferida nesse número da *Rebento* pela publicação de um conjunto de imagens de algumas de suas admiráveis produções, gentilmente cedidas pela própria artista. O

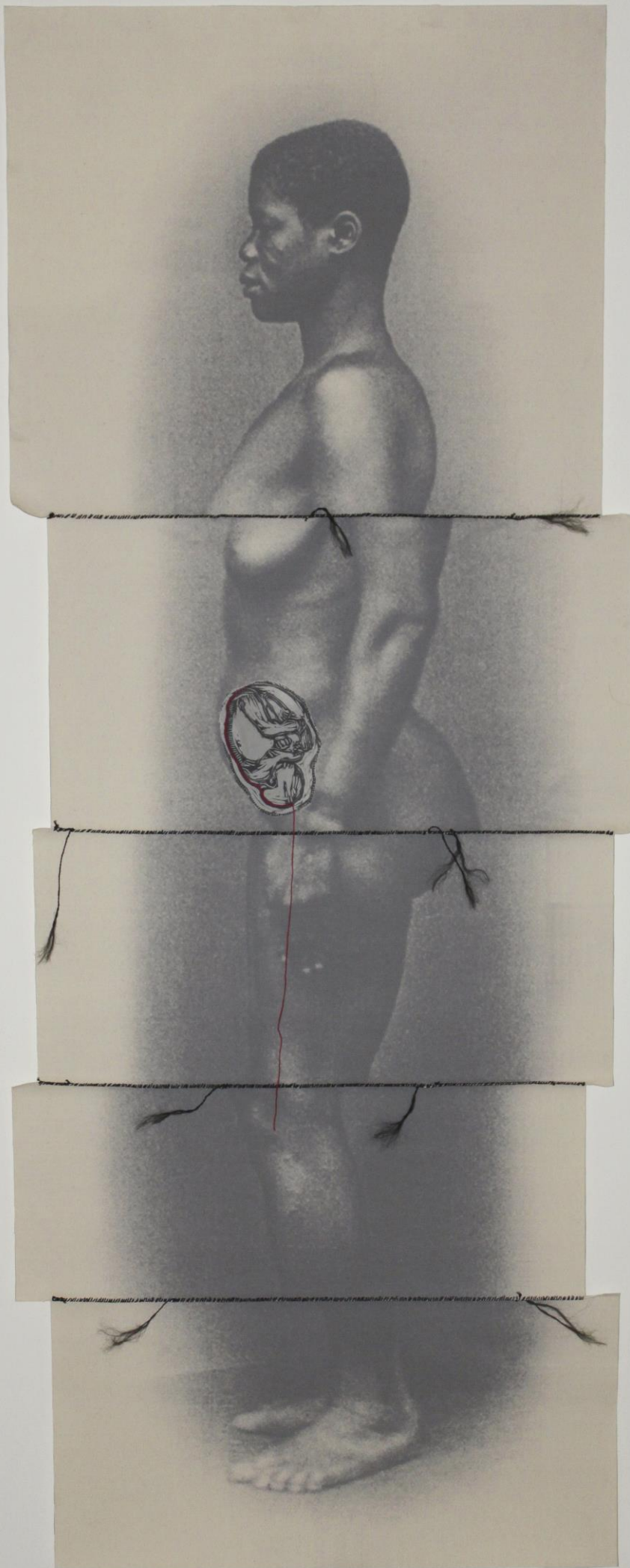
ensaio visual constituído por essa colaboração de Rosana Paulino não somente complementa o sentido do artigo de Celia Antonacci como intensifica exponencialmente a força dos temas que integram essa sexta edição da *Rebento*.

Por fim, gostaria de tecer algumas considerações sobre a história da *Rebento* e sobre minha participação na revista. Editar esse número da *Rebento* tem para mim um sabor muito especial: trata-se de viver uma transição, de fechar um ciclo da revista a partir da compreensão de sua importância e singularidade. O colega Professor Alexandre Mate, em parceria com o Professor Mário Bolognesi, foram os responsáveis pela existência da *Rebento* até 2015. Conceberam uma revista integrada aos movimentos sociais e correlacionaram cada número da revista a um evento ocorrido no Instituto de Artes. Dessa forma, buscavam a conexão entre o escrito e o vivido – ou, como Alexandre gosta de falar, instauravam uma *práxis* que garantia a união entre a reflexão teórica e a experiência dos afetos, da arte e da política. Alexandre Mate e Mário Bolognesi queriam trazer o pensamento emergente dos teatros periféricos, dos teatros inquietos e rebeldes. Queriam uma *Rebento* politizada, posicionada, mas de modo algum sectária. Isso porque jamais se distanciaram da condição de educadores que, pacientemente, acompanham, orientam e fomentam processos de crescimento e formação. A *Rebento*, por tudo isso, nunca se preocupou com hierarquias acadêmicas e unia num só número notáveis, graduandos, pós-graduandos, artistas.

Iniciamos agora um novo ciclo da *Rebento* sem negar esse legado. Uma nova visualidade foi criada pelo delicado projeto gráfico de Camila Conti, a quem muito agradecemos. Elaborar uma revista digital moderna nos moldes dos melhores periódicos científicos, com periodicidade assegurada, conectando pesquisadores e artistas de diversos países, circulando entre linhas de pesquisas que vão das poéticas visuais às poéticas da cena, eis nosso atual desafio, no prosseguimento da construção libertária iniciada por Alexandre Mate e

Mário Bolognesi. Vamos permanecer democráticos e, sobretudo, em conexão viva com as práticas políticas e artísticas que nos cercam.

Para finalizar, quero destacar o quanto considero importante esse espaço da Rebento para o amadurecimento e intercâmbio das ideias suscitadas pelo Colóquio Internacional o Afro Contemporâneo nas Artes Cênicas: Perspectivas Teóricas, Poéticas e Pedagógicas. A publicação da Rebento nº 6 nos ajuda a manter a chama acesa enquanto buscamos as condições para a realização do segundo colóquio. Acho igualmente louvável a iniciativa de dedicar um número da Rebento a questões pouco discutidas no ambiente acadêmico da pesquisa em Artes Cênicas. Obrigada a todos! Axé!



Figuras da apresentação:

Rosana Paulino. **Assentamento**. Vídeo, madeira, paper clay, impressão digital sobre tecido, linóleo e costura. Dimensão variável. 2013. (Detalhes)